



**De pais pra filhos:
tempos e espaços em que ocorre a aprendizagem musical
dos filhos na relação com seus pais**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

João Paulo de Rezende Oliveira
UFU - joaopaulorezende17@gmail.com

Cintia Thais Morato
UFU - cintiamorato97@gmail.com

Resumo: Entendendo a aprendizagem musical como uma prática social, esta comunicação de pesquisa relata os tempos e espaços em que ocorre a aprendizagem musical na relação entre pais/mães e seus filhos/filhas. Trata-se de um recorte dos resultados de uma pesquisa de graduação que buscou conhecer e entender a transmissão do conhecimento musical dos pais na formação de seus filhos, sendo estes cinco estudantes do Curso de Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

Palavras-chave: Educação musical como prática social. Aprendizagem musical entre pais e filhos. Tempos e espaços em que ocorre a aprendizagem musical.

From parents to children: times and spaces in which children's musical learning takes place in their relationship with their parents

Abstract: Musical learning being understood as a social practice, this research reports the times and spaces in which musical learning occurs in the relationship between parents and their children. This is a sample of the results arising from a graduation inquiry meant to know and understand the transmission by parents of their musical knowledge in the education of their children, covering five students of the Graduation Course in Music administered by UFU (Federal University of Uberlândia), Minas Gerais.

Keywords: Musical education as social practice. Musical learning between parents and children. Times and spaces in which musical learning occurs.

1. Introdução

Esta comunicação apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa de graduação em música desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, em Minas Gerais, discutindo a categoria analítica que trata da aprendizagem musical que se dá em diversos tempos e espaços em que os filhos se relacionam com seus pais: aprendizagem musical no ventre; festas familiares e reuniões com amigos; conversas e discussões que permeiam a aprendizagem musical; e aprendizagem musical fora de casa. Nesses diversos tempos e espaços, a aprendizagem musical é entendida na pesquisa como uma aprendizagem “difusa” ou “silenciosa” (GOMES, 2009). Essa definição remete a uma aprendizagem musical indireta, que ocorre sem uma programação planejada, pois ocorre “encoberta”, imersa nas



relações sociais (GOMES, 2009: 123). A aprendizagem “difusa” ou “silenciosa” resulta da incorporação do que as crianças vivenciam em seu cotidiano, onde elas próprias criam “disposição, conhecimentos e habilidades” (LAHIRE, 1997: 342).

A pesquisa desenvolvida na graduação foi orientada pelas seguintes perguntas: Como se dá a prática educativo-musical adotada pelos pais a seus filhos? Como os filhos aprendem música com seus pais? Quais aspectos são envolvidos nesse processo educativo-musical? O objetivo geral da pesquisa consistiu em conhecer e entender a transmissão do conhecimento musical de pais e mães na formação de seus filhos e filhas. Para alcançar tal objetivo, foi preciso percorrer os seguintes objetivos específicos: identificar os tempos e espaços pelos quais filhos aprendem música com seus pais; conhecer as formas como ocorrem à aprendizagem musical dos filhos com os pais; conhecer os processos de ensino musical que os pais empreendem aos seus filhos; identificar os conhecimentos relacionados à música aprendidos pelos filhos; identificar o repertório que perpassa o processo educativo-musical dos pais a seus filhos.

A pesquisa se sustenta nos conceitos de prática social e socialização relacionados à educação musical, entendidos sob a perspectiva de Souza (2000) e Berger e Lukmann (2003). Ajudaram ainda na arquitetura do objeto de estudo, as pesquisas desenvolvidas por Gomes (2006; 2009) e Carvalho (2009), além do estudo sociológico sobre a genialidade de W. A. Mozart, desenvolvido por Elias (2005).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa por visar entender os significados que os entrevistados dão ao processo educativo-musical em que foram submetidos por seus pais desde a infância. Para a coleta de dados, foi usada a entrevista semiestruturada tendo sido entrevistados cinco alunos¹ do Curso de Graduação em Música da UFU:

Ana Paula² estuda canto na universidade, e também toca piano. Ana Paula considera que, desde pequena, sempre quis ser igual ao pai e seguir a carreira de musicista.

Lia estuda flauta transversal na universidade. Começou a aprender música antes de ser alfabetizada. Sua família é formada por músicos e considera ter sido muito estimulada em casa.

Maria também estuda flauta transversal na universidade. Quando tinha entre 6 e 7 anos, já sabendo ler e escrever, seu pai comprou-lhe uma lousa para lhe ensinar teoria musical.

Mariana estuda violão na universidade. Filha de pai luthier e compositor, diz ter iniciado sua aprendizagem musical desde pequena quando seu pai construía pequenos violões para ela e seus irmãos.

Pedro também estuda violão na universidade. Aprendeu a tocar violão com seu pai. Considera que seu pai era muito rígido nas aulas de violão, mas observa que essa rigidez do pai foi importante para sua aprendizagem musical.

2. Aprendizagem musical no ventre: aprender música antes de nascer

Ana Paula, Lia e Maria relataram que suas aprendizagens musicais iniciaram antes de terem nascido. A partir de depoimentos dos pais que as entrevistadas guardavam em suas memórias e os recordaram durante as entrevistas, a aprendizagem musical iniciou quando a mãe cantava, escutava música ou realizava massagem rítmica³ na barriga. As entrevistadas têm esses estímulos externos de suas mães como iniciadores de sua aprendizagem musical, pois elas correspondiam a esses estímulos movimentando-se dentro do ventre materno.

Ilari diz que “os bebês são ouvintes competentes desde muito cedo” (2006: 273). A autora acrescenta que, embora

[...] a orelha humana se desenvolva por volta da terceira semana da pós-concepção, o ouvido só passa a funcionar por volta do sexto mês de gravidez (Werner & Vandebos, 1993; Woodward et al., 1992). A partir deste momento, o feto desperta para uma variedade enorme de sons (Snow, 1998), passa a ficar mais reativo a eles e começa se mover quando ouve estímulos auditivos externos na forma de palavra e música (ILARI, 2006: 273).

Outro aspecto citado por Ilari (2006), é que o bebê exibe um comportamento diferente a cada tipo de música que tem contato ainda na barriga. A autora faz menção ao trabalho de Olds (1986) (apud ILARI, 2006: 273) que, ao investigar a audição fetal, descobriu que música lenta acalmava os bebês e que músicas rápidas os agitavam. Este teste foi comprovado a partir dos batimentos cardíacos do bebê.

Tomando por base a pesquisa de Ilari (2006), Ana Paula, Lia e Maria já eram “ouvintes competentes” e seus pais estavam lhes possibilitando os primeiros contatos com a música, seja cantando, tocando (massagem rítmica) ou ouvindo música.

3. Festas familiares e reuniões com amigos: oportunidades para a aprendizagem musical

Outros tempos e espaços de aprender música na relação com os pais ocorriam nas festas familiares ou em reuniões com amigos. Os entrevistados contaram que as festas e reuniões propiciavam-lhes contato com instrumentos musicais e repertórios desconhecidos, além da troca de informações com as pessoas presentes.

Mariana relembra que quando seu pai chamava os amigos para ir a sua casa, ela sempre se mantinha por perto, experimentando algum instrumento que desconhecia e que não havia na sua casa. Nessas reuniões familiares tinha também contato com repertório que não conhecia. Importante ressaltar que o pai de Mariana a incentivava para que ela participasse destes encontros.

Pedro relembra que quando mais novo, trocava informações musicais ao se reunir com os amigos do seu pai e acompanhava músicas no violão junto ao seu avô. Segundo Pedro, o seu avô, que tocava sanfona, sempre utilizava as mesmas relações harmônicas (acordes) para tocar seu repertório. Com isso, Pedro tinha que perceber o que o avô tocava, tentando acompanhá-lo no violão apenas utilizando a sua percepção harmônica, ou, como relatou, “de ouvidão”.

Numa reunião em que o pai de Pedro e seus amigos fizeram um churrasco, Pedro aprendeu conteúdos de teoria musical que desconhecia ao conversar com um dos presentes na reunião.

Ana Paula relatou que quando havia festas de família, ela, seu pai e sua mãe preparavam algum repertório para ser cantado, pois os seus familiares sempre queriam vê-los cantar juntos. Relatou também que organizava apresentações junto com suas primas.

Na época do Natal, o pai de Maria preparava um *pout-porri* de músicas natalinas para ser tocado por ela, seu pai, sua mãe e sua irmã na casa dos seus avós materno e paterno.

No caso de Lia, além de tocar com os tios paternos⁴ em reuniões de família, ela também saía com eles para outros lugares cujo principal motivo era ouvir e conversar sobre música:

- “Pra onde a gente vai?” - “O fulano tá tocando ali”; a gente ia pra lá, né. - “Ah, aquele barzinho tem uma música legal”; a gente ia pra lá. Então a música era o fator principal, o fator decisivo, sempre era a música o que a gente ia ouvir. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Os encontros com familiares ou com os amigos constituem momentos de ensino e aprendizagem musical entre os pais e os filhos e demais envolvidos. Por trás do que parece ser apenas um encontro, ocorre também uma intenção de projeção social por meio da aprendizagem musical, pois há preparação, dispêndio de tempo e de dedicação para a assimilação de um repertório que possa ser exposto em forma de apresentações para os familiares (como no caso de Ana Paula). Ao mesmo tempo, para além da oportunidade de explorar e conhecer um novo instrumento, as reuniões entre amigos estimula a troca de informação musical entre as pessoas presentes. Isso permite aos mais novos que comecem a



relacionar o que estão aprendendo musicalmente com novos conceitos veiculados na conversa informal (como no caso do Pedro).

4. Conversas e discussões: assuntos que permeiam a aprendizagem musical

As conversas entre pais e filhos, além de ser uma forma de interação entre ambos, também propiciam a aprendizagem musical, ajudando na construção de uma visão crítica sobre a música. Ao conviver com música no cotidiano familiar, assuntos e acontecimentos que envolvem a música se tornam relevantes para ambas as partes.

Na casa de Maria, a família tem a tradição de se sentar todos à mesa para fazerem as refeições; esses momentos são especiais para “engatar” conversas e discussões sobre música, bem como, outros assuntos que a envolvem; eventualmente, desembocavam no preconceito musical vivido dentro da igreja:

[Meus pais] convivem muito na igreja e vivem essa luta na igreja, minha mãe fica um pouco revoltada, porque as pessoas ainda têm certo preconceito com os ritmos musicais... e para minha mãe e meu pai: - “Isso não tem nexo. Tudo é música, tudo vem de Deus, tudo Deus que fez!” Eles falam muito isso. Então isso dá muita discussão lá em casa... a gente discute [de] tudo um pouco. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

O fazer musical na igreja também está presente nas conversas travadas entre Ana Paula e seu pai, além da crítica musical dos CDs recém-lançados.

Mariana relata que conversava muito com os pais sobre bandas de rock; havia conversas em que o pai contava a história de alguns instrumentos musicais: “Ele contava histórias sobre alguns instrumentos, mostrava algumas imagens, tipo, de alaúde, aí eu conhecia outros instrumentos, pelas historinhas dele” (Mariana, entrevista realizada em 21/05/2015).

No caso de Pedro, ele e seu pai gostavam de conversar sobre a atuação do músico, sobre performance, e também discutir o gosto musical:

Às vezes, [tinha] umas coisas que meu pai ouvia que eu nunca gostei e nunca vou gostar e debatia como ele sobre isso. Meu pai de vez em quando gostava de ouvir... uma música do Legião Urbana, *Vento no Litoral*. Ele gostava dessa música e eu: - “Por que você escuta isso?” Eu não gostava do timbre da voz daquele cara, porque a banda não tinha nada. Ele gostava da letra e da melodia e eu falava: - “Cara, porque você escuta isso? Tem muita coisa melhor para você ouvir e você vai ouvir Legião Urbana?” Eu não tenho nada contra, eu respeito quem gosta, só que, não me seduziu. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015).

Podemos perceber que Pedro começou a se mostrar crítico das músicas que o pai escutava e que algumas características dessas músicas, como o timbre da voz do cantor, a qualidade instrumental, não o “seduzia”. Por isso, discutia com o pai.

História da música era o assunto que Lia gostava de conversar com seu pai, principalmente a história da música popular brasileira. Segundo conta, o pai é um conhecedor da música popular brasileira e conversar com ele a ajudava na faculdade. Outro assunto que também permeava as conversas entre Lia e seu pai era sobre ser profissional da música. Ele alertava Lia sobre o “lado ruim” de se tocar em festas noturnas e também sobre os cuidados físicos que devem ser tomados: “não se envolver com o lado ruim da noite” (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

A aprendizagem que resulta das conversas que versavam sobre profissão musical, conteúdos históricos, crítica e instrumentos musicais, bem como fazeres musicais religiosos, materializa a socialização musical dos filhos em sua instituição familiar.

5. Aprendizagem musical fora de casa: primeiros passos para a profissionalização dos filhos

Após algum tempo proporcionando o conhecimento musical, os pais percebem que os primeiros resultados começam a ter efeito e logo os incentivam a tocar em locais fora do seio familiar, como bares e igrejas.

O pai de Ana Paula é regente da igreja que ele e a família frequentam; ela relata que o mesmo lhe ensinava as músicas para que ela pudesse cantar junto à orquestra: “[Meu pai] é o maestro da igreja, então algumas músicas que ele tocava em conjunto, ele queria que eu aprendesse. Ele chegava e me ensinava a música para [que] eu [pudesse] cantar com a orquestra” (Ana Paula, entrevista realizada em 16/12/2014).

Maria também relata que ela e sua família tocavam na igreja, mas, nesse caso, tocar na igreja vai além da ideia de apresentação musical. O fazer musical na igreja, na visão do pai de Maria, estava relacionado à união familiar: “o que um faz, os outros têm que fazer junto” (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Mariana, ao falar sobre as apresentações que o pai fazia com sua banda, relata que o mesmo a levava para participar, às vezes fingindo que estava tocando, ou apenas para ficar em cima do palco: “Desde criança, ele sempre fazia apresentações e eu sempre estava [lá], no palco. Às vezes eu [não tocava] nada. Teve uma vez que eu fiquei fingindo que tava tocando



[risadas] no palco. E eu acho que isso foi muito legal depois” (Mariana, entrevista realizada em 21/05/2015).

Ao levar Mariana para apresentar-se com sua banda no palco, mesmo ainda sem saber tocar o instrumento, o pai lhe possibilitava uma aprendizagem que Carvalho (2009) denomina “café com leite”. A aprendizagem “café com leite”, segundo Carvalho (2009), ocorre quando a criança está presente em situações (como as rodas de samba, no caso da pesquisa de Carvalho, 2009), cujas regras estabelecidas são flexibilizadas para permitir sua participação. Ao participar de uma roda de samba, tocando um pandeiro, a criança não precisa tocar o ritmo corretamente, mas o fato de participar da roda, lhe dá “oportunidade de interagir com o grupo e ir aprendendo [brincando]” (CARVALHO, 2009: 39). No caso da entrevistada, Mariana nem sabia tocar um instrumento, mas lhe era permitido fingir estar tocando nas apresentações da banda do seu pai.

Lia conta que quando seu pai percebeu que ela conseguia tocar as músicas que ele ouvia, levou-a para que pudesse “dar uma canja⁵” em um bar no qual ele se apresentava:

Minha primeira apresentação... ele foi tocar e eu fui com ele em um bar. [Pai:] - “Agora quero chamar minha filha pra dar uma canja pra tocar comigo”. [Lia]: - “Eu não vou tocar, pai”. - “Vai sim!” - “Não vou, nem flauta eu trouxe”. - “Mas eu trouxe pra você, vem tocar”. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Ao desenvolver certas habilidades musicais, os filhos são levados pelos pais a participarem de apresentações fora de casa como tocar na igreja, casamentos, ou “dar uma canja” em bares, o que pode ser compreendido como os primeiros passos para sua profissionalização musical.

Ravet (2006), em seu estudo sobre a carreira profissional de músicos e musicistas, argumenta que os músicos profissionais, em sua maioria, provêm de ambientes familiares musicais que podem ter entre as gerações mais velhas, músicos profissionais ou amadores. Com base em seus estudos, podemos entender que essas práticas musicais de levar os filhos para apresentar-se fora de casa constituem-se “fortes socializações musicais primárias [que] repercutem na profissionalização e influenciam na conformação das trajetórias” (RAVET, 2006: 5).

Nos ambientes familiares em que os pais atuam profissionalmente com música, os filhos vão aprendendo o *modus operandi* da profissão: “Os músicos cujos pais, ou um deles, também são profissionais da música têm a facilidade de quem foi criado nesse meio e conhece implicitamente suas regras” (RAVET, 2006: 5).

6. Conclusão

Tal qual nos revelaram os depoimentos dos cinco entrevistados, os tempos e espaços da aprendizagem musical na relação com os pais iniciam antes do nascimento e se prolongam em momentos festivos com os familiares e amigos, conversas e discussões desencadeadas à mesa na hora das refeições, ou fora de casa, quando se é levado para apresentar na igreja ou “dar uma canja” nos bares e festas de casamento – começo do caminho para a profissionalização em música. Parafraseando Lahire (1997: 20): os filhos vão aprendendo que ser adulto como seu pai ou sua mãe, significa, naturalmente, ser músico.

Essa pesquisa suscitou algumas perguntas que se revelaram durante a análise dos dados e podem ser investigadas no futuro: Porque há, nas famílias musicais, uma divisão de tarefas entre o pai e a mãe? Qual o envolvimento dos irmãos (dos filhos) com a aprendizagem musical empreendida pelos pais?

Referências:

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. (2003). 23. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARVALHO, Dennis Almeida Lopes. *Aprendizagem musical não formal no ambiente do samba*. 2009. 72 f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Música), Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ELIAS, Norbet. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- GOMES, Celson Henrique Sousa. Aprendizagem musical em família nas imagens de um filme. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 14, p. 109 - 114, 2006. Disponível em: <<http://www.abemeducao musical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articulo/view/317/247>> . Acessado em 11/12/2015.
- GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação musical na família: as lógicas do invisível*. 2009, 214f. Tese (Doutorado), Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Música/UFRGS, Porto Alegre, 2009. p. 116 - 121.
- ILARI, Beatriz Senoi. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: ILARI, Beatriz Senoi (Org.). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- RAVET, Hyacinthe. *Carrières de musicien-nes : les résultats*. Palestra apresentada no Seminário internacional “Trabalho docente e artístico: força e fragilidade das profissões”. Unicamp, Campinas, 18 - 20 abril 2006. Disponível em www.fe.unicamp.br/profarte. Acesso em 23/05/2006.
- SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

¹ Todos os entrevistados são filhos de pais músicos, que atuam ou que atuaram profissionalmente com música (caso de Mariana).

² Para a preservação da identidade dos alunos entrevistados, os nomes apresentados são fictícios, escolhidos pelos próprios.

³ Sequência de padrões feitos com as mãos na barriga da grávida.



⁴ Todos os tios paternos de Lia são músicos.

⁵ *Dar uma canja*: “Nos anos 60, o Clube dos Amigos do Jazz, entidade brasileira formada por fãs do gênero, era conhecido pela sigla Canja. Um dos costumes dos membros do clube era deixar seus instrumentos à disposição. Assim, os frequentadores do local podiam se aventurar em apresentações de improviso”. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/dar-canja-434842.shtml>. Acessado em 7/12/2015>.